
Orquestra de Câmara de Moscou

20/03 (Série Branca) - 21/03 (Série Azul)

Quarteto de Cordas Vanbrugh

16/05 (Série Branca) - 17/05 (Série Azul)

Pinchas Zukerman and Friends

15/06 (Série Branca) - 16/06 (Série Azul)

Nelson Freire

26/06 (Série Branca) - 28/06 (Série Azul)

La Grande Ecurie et la Chambre du Roy

14/08 (Série Branca) - 15/08 (Série Azul)

Lazar Berman

12/09 (Série Branca) - 14/09 (Série Azul)

Norddeutschen Rundfunks

18/09 (Série Branca) - 19/09 (Série Azul)

Orquestra Sinfônica do Estado da URSS

10/10 (Série Branca) - 11/10 (Série Azul)

1788-5 Madison
1789-808
1791-90
1792-204
1793-254
1794-481



SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA • 1989 • SEPTUAGÉSIMA-QUINTA TEMPORADA

LA GRANDE ÉCURIE ^{ET LA} CHAMBRE DU ROY

Regente: Jean Claude Malgoire



Patrocinador da tournée brasileira

ALCATEL

Sob os auspícios do



MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA FRANÇA
ASSOCIATION FRANÇAISE D'ACTION ARTISTIQUE
CONSULADO GERAL DA FRANÇA EM SÃO PAULO

Apoio:



ELDORADO FM 92.9

LA GRANDE ECURIE ET LA CHAMBRE DU ROY

O nome deste grupo instrumental indica sua primeira inclinação para a música de Corte do Renascimento e do Grande Século, uma vez que foi para renovar esta tradição, nascida sob o Rei François I, que o grupo foi batizado de **La Grande Ecurie Et La Chambre Du Roy**.

Foi efetivamente este Rei que pela primeira vez organizou os músicos da Corte, dividindo-os em dois grupos: "Aqueles que fazem muito ruído" (trombones, tambores, etc.), chamados **La Grande Ecurie** e "Aqueles doces de se ouvir" (flautas, violinos, cravo, etc.), por sua vez denominados **La Chambre Du Roy**; estas duas formações, que possuíam funções bem diferentes, reuniam-se por ocasião das festas. Esta divisão persistiu assim até o século XVIII. A maior parte dos autores compunham para as duas formações.

Em 1966, Jean Claude Malgoire decide ressuscitar este rico repertório, e com este objetivo funda o conjunto instrumental. Sua paixão pela música antiga o fez pesquisar os instrumentos e partituras esquecidas, reconstituir instrumentos desaparecidos e realizar as instrumentações a partir de documentos encontrados em bibliotecas.

Em mais de vinte anos, a fisionomia do conjunto evoluiu bastante. Suas apresentações na França e no estrangeiro permitiram a Jean Claude Malgoire

encontrar inúmeros especialistas de instrumentos originais, bem como à **La Grande Ecurie Et La Chambre Du Roy** se tornar um dos principais centros europeus de interpretação de música dos séculos XVII e XVIII.

Incentivado desde o início pela crítica especializada e pelo sucesso de público, o conjunto diversificou seu repertório que atualmente inclui Monteverdi, Mozart, Vivaldi, Haendel, Bach e evidentemente os "Clássicos" franceses: Lully, Campra, Rameau, Charpentier... Uma colaboração permanente com o selo CBS tem permitido o ressurgimento de numerosas obras inéditas (motetos, cantatas, repertório instrumental e ópera).

No decorrer de sua existência, **La Grande Ecurie Et La Chambre Du Roy** apresentou-se nos cinco continentes, gravou rica discografia, participou de inúmeras gravações para rádio e televisão, colaborou com espetáculos de ópera, merecendo através dessas atividades os mais cobiçados prêmios: Grande Prêmio da Academia do Disco francês, e da Academia do Disco lírico, prêmio da melhor gravação no Festival das Artes de Osaka; Deutsche Schallplatten Preiss; prêmio da crítica da revista americana Hi Fi classificando o conjunto de Jean Claude Malgoire como um dos maiores defensores do "som original".

JEAN CLAUDE MALGOIRE - regente

Jean Claude Malgoire nasceu em 1940 em Avignon, onde iniciou seus estudos musicais prosseguindo-os mais tarde no Conservatório de Paris. Uma vez formado, dá início a uma brilhante carreira de solista, obtendo vários prêmios como oboísta, entre os quais destaca-se o Concurso Internacional de Genebra. Solista do "Ensemble Européen de Musique Contemporaine", ele chama atenção de Charles Munch que o convida para ser solista da Orquestra de Paris, e se torna um dos instrumentistas prediletos de Munch, Ozawa e Karajan.

No entanto uma paixão irresistível o leva a se aproximar cada vez mais da "música antiga". E a motivação de Malgoire por fazer reviver esta música favorece a criação de dois conjuntos: **La Grande Ecurie Et La Chambre Du Roy**, cuja vocação é a música dos séculos XVII e XVIII; a outra, o **Florilegium Musicum de Paris**, conjunto mais móvel que se dedica às obras escritas para vozes e instrumentos antigos desde o século XIII até

nossos dias.

Jean Claude Malgoire torna-se assim um dos pesquisadores mais ativos das bibliotecas da Europa, pesquisando manuscritos, comparando-os, o que o leva à recriação de obras esquecidas. É preciso salientar que o trabalho de Malgoire não se limita à uma mera reconstituição histórica. Conseguiu, por exemplo, retirar de Rameau o excesso de sentimentalismo que o tornava algo insípido, para retribuir-lhe toda a sua vivacidade original; libertou Lully da pompa de Versailles que o afetava em demasia, para restituir-lhe seu autêntico caráter bufo e cadenciado.

Em 1981, Malgoire dá início a um importante trabalho junto ao Atelier Lyrique de Tourcoing, que o convida para ser seu diretor. Ele conduz esta nova atividade enriquecendo consideravelmente o repertório lírico tradicional, participando assim do movimento que engloba a profunda reforma da concepção francesa da ópera.



Isabelle Poulenard - soprano

Isabelle Poulenard nasceu em Paris em 1961. Após sua formação acadêmica na "Maitrise" da Rádio France e na Escola Nacional de Arte Lírica da Ópera de Paris, tem participado de várias produções do "Atelier Lyrique de Tourcoing":

- "Cosi Fan Tutte" de Mozart
- "Le Retour d'Ulysse dans sa Patrie" de Monteverdi
- "Narciso" de Scarlatti
- "Judith Triomphante" de Vivaldi e outras.

Participa com frequência dos principais festivais europeus: Flandres, Stuttgart, Innsbruck, Oxford, etc.

Seu interesse por trabalhos modernos e contemporâneos a levou a participar de numerosas montagens: "Les Visites Espacées" de Philippe Hersant, no Festival de Avignon; "Le Dialogue des Carmelites" de Poulenc, numa produção da Ópera do Reno; "Der Freischutz" de Weber sob a direção de Guy Condette; "Les Tréteaux de Maître Pierre" de Manuel de Falla, com o Ensemble Inter Contemporain, sob a direção de Charles Dutoit.

Jean Claude Veilhan - ("clarinette de basset")

Clarinetista de formação, **Jean Claude Veilhan**, um apaixonado pelos instrumentos de sopro antigos, se introduziu pouco a pouco no estudo e na prática de instrumentos das épocas medieval, renascentista e barroca. Há mais de vinte anos, vem desenvolvendo uma carreira de solista, músico de câmara e ensinando a técnica da flauta doce (várias gravações e concertos), flauta transversa e outros instrumentos. Retornando ao seu primeiro amor, **Jean Claude Veilhan** pratica com entusiasmo os diversos tipos de

clarinetas ("chalumeaux", clarinete barroco e clássico, "cor de basset" e "clarinette de basset"). A "clarinette de basset", instrumento para o qual Mozart escreveu o seu Concerto em lá maior é um instrumento imaginado por Stadler (clarinetista e compositor contemporâneo de Mozart). O instrumento possui um prolongamento que lhe permite ganhar uma quinta grave e alargar consideravelmente o seu registro harmônico. O instrumento utilizado por **Jean Claude Veilhan** foi construído por Olivier Cottet.

2.ª feira, 14 de agosto às 21 horas

1193

G.F. Haendel (1685-1759)

Rinaldo (excertos)

Ouverture

“Lascia ch’io pianga

“Molto Voglio”

“Bel piacere”

Solista: Isabelle Poulenard - soprano

J.S. Bach (1685-1750)

Suite n.º 2 em Si menor, BWV 1067

Lentement - Rondeau - Sarabande -

Bourrée I - Bourrée II - Polonaise: double -

Menuet - Badinerie

Solista: Pierre Séchet - Flauta

Intervalo

L.N. Clerambault (1676-1749)

“La Muse de l’Opéra”

Solista: Isabelle Poulenard - soprano

J.P. Rameau (1683-1764)

Platée (excertos)

Ouverture - Passepieds - Air de Clarine -

Tambourin - Air pour les fous gais -

Air pour les fous tristes - Air de la

Folie - Menuet - Tambourin

Solistas: Isabelle Poulenard - soprano

Florence Malgoire - violino

Continuo: Claire Giardelli - violoncelo

Daniele Salzer - cravo

Pedimos o especial obséquio de
eliminar qualquer sinal sonoro
de seu relógio digital.

1194

3.ª feira, 15 de agosto às 21 horas

J.P. Rameau (1683-1764)

“Les Indes Galantes”

Ouverture - Entrée des Nations -
Danse des esclaves - Rigaudon -
Tambourins - Danse des sauvages

“Platée”

Air pour les fous gais - Air pour les
fous tristes - Menuet - Tambourin

“Les Indes Galantes”

Entrée des Incas du Pérou - Air
pour les guerriers - Menuet pour les
Amazones - Chaconne

Intervalo

W.A. Mozart (1756-1791)

Concerto para clarineta em La maior, K. 622

Allegro

Adagio

Allegro

Solista: Jean Claude Veilhan

Não se permite gravar ou fotografar
na sala de espetáculos

Próximas apresentações:

LAZAR BERMAN - piano

12 de setembro : Schubert-Liszt

14 de setembro : Scriabin - Rachmaninoff -
Prokofiev

Georg Friedrich Haendel (1685-1759)

Haendel foi um dos compositores mais cosmopolitas do período barroco. Nascido e formado na Saxônia, hoje parte integrante da Alemanha, passou uma fértil temporada na Itália, conheceu de perto a produção francesa de seu tempo e, finalmente, instalou-se na Inglaterra, ali aclimatando-se de tal forma que acabou por ser considerado um compositor inglês. Esse incansável viajante fez com que seu espírito cosmopolita se refletisse em suas partituras que são, com frequência, a genial síntese das principais tendências estéticas existentes em seu tempo.

Para fazer frente às demandas provenientes de fontes bastante diversas — a casa de ópera, o ofício religioso, a festa aristocrática, a comemoração cívica, o encontro caseiro de aficionados —, Haendel acabou por abordar um número enorme de gêneros. E, assim, deixou-nos mais de trinta grandes oratórios e cantatas, quase cinquenta óperas, música vocal, e instrumental, tanto para a liturgia italiana quanto para o culto inglês, várias coletâneas para conjuntos de câmara e para cravo solista, quase vinte concertos grossos e outros tantos concertos para órgão, além de uma centena de cantatas italianas para voz e contínuo.

Sua produção operística foi escrita durante um longo período (1705-1741) e compreende obras-primas como Giulio Cesare, Rodelinda, Orlando, Alcina e Serse. Rinaldo data de 1711 e marca uma etapa importante na trajetória criativa do compositor que, a partir dela, passou a ter literalmente, o público inglês em suas mãos. O libreto de Rinaldo trata das aventuras e desventuras dos cristãos na Palestina. Sua ária "Lascia ch'io pianga" tornou-se um clássico de todo o repertório lírico.

Johann Sebastian Bach 1685-1750)

Durante a sua primeira viagem que realizou à Alemanha, iniciada em 1841, Hector Berlioz deu-se conta do verdadeiro culto que ali se rendia à música de Bach, recentemente trazida à tona graças ao empenho de Mendelssohn. O compositor francês, não sem uma pitada de humor, afirmava que os alemães viam na obra de Bach uma espécie de revelação evangélica e que, como tal, deveria ser reverenciada e tomada como uma verdade teológica, indiscutível. Era o início de um comportamento que, ainda hoje, sobrevive. E não sem razão: a música de J.S. Bach, pela riqueza da sua construção, pela variedade de suas postulações, pela expressividade presente em cada compasso e, sobretudo, por sua mensagem espiritual que desafia o tempo, permanece como um monumento sem o qual a música do Ocidente jamais seria o que foi e é. Estava certo Beethoven ao chamá-lo de o pai da harmonia universal.

Dentro da obra numericamente enorme e qualitativamente incomparável de Bach, a produção pensada especificamente para orquestra não é extensa. Ela congrega principalmente os concertos para um ou mais solistas, os célebres Concertos de Brandeburgo e as quatro Suítes (ou Aberturas). O desejo de reunir várias danças de caráter contrastante em sequências marcadas pelo mesmo sentimento tonal já existia há muito tempo e Johann Jakob Froberger havia sido um dos seus primeiros exploradores. Bach utilizou esse arquétipo em muitas de suas obras destinadas ao teclado, ao violino e ao violoncelo. As quatro Suítes que destinou à orquestra não podem ser datadas com exatidão, mas sabe-se que ele se interessou especialmente pelo gênero a partir do instante em que se instalou em Coethen, a partir de 1717. Chamou-as de Aberturas por causa da importância que dava ao movimento inicial, o de maior fôlego composicional. A Suíte (Abertura) n.º 2, em si menor, conta com uma flauta transversal tratada como instrumento concertante que, em muitas passagens, tem a seu cargo desenhos independentes dos entregues à orquestra.

Louis-Nicolas Clérambault (1676-1749)

Em meio à verdadeira guerra estética que foi a um tanto ridícula Querela dos Bufões — disputa que, em Paris, colocou em campos antagônicos os defensores da música italiana e os da música francesa, a partir de 1752 —, Clérambault foi lembrado como uma das grandes figuras da arte da França. Um antigo jesuíta, Laugier, adversário dos **bouffonistes**, publicou a sua “Antologia da Música Francesa”, em 1754, na qual afirmava que a música italiana “lembra os fogos de artifício que brilham mas não iluminam”. Ali ele arrolava aqueles que considerava os verdadeiros grandes mestres: Lully no domínio da ópera, Clérambault no da cantata, Campra e Delalande no setor dos motetos. Nas cantatas de Clérambault ele percebe que “a ornamentação de tão grande gosto, longe de anular a beleza do tema, a destaca”.

Esse juízo contemporâneo, que a posteridade iria ignorar por um tempo enorme, dá a Clérambault o seu justo valor. Filho e, depois, pai de músicos, ele se notabilizara como organista elogiado como um dos maiores da época e como um compositor de cantatas sem rival. Trabalhando junto à aristocracia, ele publicou o seu primeiro trabalho importante em 1704, o **Livre de pièces de clavecin**, bastante ligado à tradição clavecinista francesa, para, a partir de 1710, lançar vários livros de **cantates françaises**, em que a sutil assimilação de procedimentos italianos se fazia sentir. Entre as quase trinta cantatas suas que sobreviveram há peças comemorativas como “O Triunfo da Paz” e outras de inspiração mitológica como “Zéfiro e Flora” e “O Amor picado por uma Abelha”. **La muse de l'Opéra**, de 1716, revisita criativamente um tema já presente em obras italianas do início do período barroco, datadas das primeiras décadas do século anterior.

Jean-Phillippe Rameau (1683-1764)

O reconhecimento efetivo da genialidade de Rameau foi tardio — ele tinha 50 anos quando, em 1733, foi apresentada a sua primeira ópera a fazer sucesso, **Hippolyte et Aricie**. Mas esse homem discreto e introvertido de Dijon — “O mortal mais indelicado, mais grosseiro e mais insociável de seu tempo”, no dizer de Bachaumont das Memórias Secretas — há muito vinha dando mostras da sua criatividade. Já publicara o seu Tratado da Harmonia Reduzida a seus Princípios Naturais (1722), que faria dele um teórico respeitado até hoje, e várias coleções de Peças para Cravo, com as quais levava a escritura francesa para teclado ao seu apogeu. Mas seria mesmo no domínio da ópera que ele alcançaria grande renome, sendo mesmo considerado o mais legítimo sucessor de Jean-Baptiste Lully.

Exprimindo-se através dos vários gêneros operísticos da França — **tragédie en musique**, **opéra-ballet**, **comédie-ballet**, **comédie-lyrique**, **ballet-heroique** — Rameau mostrou-se um autêntico revolucionário, conseguindo conferir aos seus espetáculos um caráter ora dramático, ora lírico de intensa carga emocional. Aí, como disse Cuthbert Girdlestone, “os mundos doces e amargos como se abrem e se fecham com enorme velocidade”. É que, no fundo, Rameau não se interessava tanto pela arquitetura do texto que musicava, mas por seus aspectos descritivos e expressivos. E, ao encarar o libreto por esse prisma, foi capaz de criar seções musicais descritivas e espetaculares, cenas de terror e de perseguição, de explosão de alegria e de contrição que não encontram paralelo na ópera do período barroco. Das trinta e duas obras que escreveu para a cena se destacam: **Hippolyte et Aricie** (1733), **Les Indes galantes** (1735), **Castor et Pollux** (1737), **Dardanus** (1739), **Platée** (1745), **Zoroastre** (1749) e **Les Paladins** (1760).

Les Indes galantes, **opéra-ballet** em um prólogo e quatro **entrées**, tematiza as Índias do século XVIII, visão mais onírica que geográfica na qual a Turquia e o Peru são vistos como exóticos e distantes países. **Platée (ou Junon jalouse)**, **comédie-ballet** em um prólogo e três atos, apresentada pela primeira vez em Versalhes como parte das comemorações do casamento do Delfim com Maria Teresa da Espanha, explora as mitológicas desavenças conjugais de Juno e Júpiter.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

“Apesar de tudo o que já foi dito, um fenômeno como o de Mozart continua inexplicável”. É com essa frase que o musicólogo francês Roland Candé inicia um ensaio sobre esse compositor que, dentro do vasto panorama da música ocidental, não encontra outro artista que lhe possa ser comparado. Abordando praticamente todas as grandes formas composicionais disponíveis em seu tempo — a segunda metade do século XVIII, época em que a escritura leve e galante do rococó dava lugar ao sóbrio equilíbrio do classicismo — Mozart explorou cada uma das possibilidades expressivas dessas fórmulas familiares que, a partir da sua intervenção, foram surpreendentemente reinventadas, radicalmente transformadas por seu gênio sem limites.

O próprio Mozart disse: “Sou desses que querem fazer até que, por fim, não haja mais nenhum meio de fazer”. Seu sonho: “o de viver tantos anos quantos forem necessários até que não possa fazer absolutamente nada de novo em música”. O objetivo da vida: “Vivemos neste mundo para nos esforçarmos em aprender sempre, para nos esclarecermos uns aos outros por meios das trocas de idéias, e para nos aplicarmos a ir sempre mais longe na ciência e nas artes”.

O Concerto para Clarineta em lá maior, K. 622 é um dos mais antigos escritos para o instrumento e, certamente, o mais belo já composto. Mozart começou a trabalhar nele em 1789, como um concerto para **basset horn**, espécie de clarineta alto de tubo recurvado, também chamada de **cor de basset**. Dessa versão em sol maior, chegou-nos o manuscrito apenas do primeiro movimento, e incompleto. Dois anos mais tarde, Mozart completaria o seu concerto, agora em lá maior, destinado a um instrumento mais próximo do **basset horn** do que da clarineta moderna.

Entretanto, a partitura só seria publicada depois de sua morte, em 1801, em arranjo para uma clarineta em lá convencional. Foi nessa versão que a obra se tornou célebre. Durante as últimas décadas, foram feitas várias tentativas para restaurar o concerto como Mozart o compôs.

Notas :

J. Jota de Moraes

LA GRANDE ÉCURIE ^{ET LA} CHAMBRE DU ROY

Regente: Jean Claude Malgoire

Os músicos		
Violinos	—	Florence Malgoire Philippe Couvert Bernadette Charbonnier Alain Viau Jean Maillet Marie Christine Desmonts Valerie Mascia Catherine Giardelli
Violas	—	Jean Luc Thonnerieux Catherine Puig
Violoncelos	—	Claire Giardelli Sylvette Gaillard
Contrabaixo	—	Vincent Charbonnier
Flauta	—	Pierre Séchet
Clarinetas	—	Jean Claude Veilhan
Oboés	—	Peter Frankenberg Christophe Mazeaud
Fagotes	—	Claude Wassmer Hugues Kesterman
Trompas	—	Philip Bral Bruno Melckebeke
Trompetes	—	Jean Luc Machicot Joel Lahens
Timpanos	—	Marie Ange Petit
Cravo	—	Danièle Salzer

A Cultura Artística é uma entidade particular, sem fins lucrativos, a mais antiga organização produtora de espetáculos em São Paulo. Trabalhamos com recursos provenientes da venda de assinaturas e ingressos de nossas apresentações e da cessão de nosso Teatro para as mais variadas atividades, incluindo peças teatrais, concertos, shows, seminários e convenções.

Para tornar possíveis nossas realizações, entretanto, necessitamos contar com o apoio de pessoas físicas e jurídicas. Queremos aqui agradecer a todos aqueles que, por meio de doações e patrocínios, prestigiaram nossas mais recentes Temporadas.

Alcoa Alumínio
Associação Alumni
Banco Nacional S.A.
Banco Safra S.A.
Banco Sogeral S.A.
CCE - Audio / Vídeo / Informática
Companhia Brasileira de Alumínio
Embesa Indústria e Comércio
Fundação Japão
IBM Brasil
ICI Brasil
Indústria Klabin de Papel e Celulose
Instituto Italiano di Cultura
Mercedez Benz do Brasil
Metal Leve
S.A. Indústrias Votorantim
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa
The British Council
Unibanco
USIS
VITAE

Se você quiser participar das apresentações programadas para este ano, entre em contato conosco. Teremos satisfação em veicular o nome de sua empresa a toda a divulgação de nossos espetáculos.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196
01303 São Paulo SP
Fone 256.0223
Bilheteria 258.3616

Reconhecida de Utilidade Pública por decreto Federal, Estadual e Municipal
Inscrita no Ministério da Cultura
sob n.º 35.000.386/86-30 (Lei Sarney)

CULTURA ARTÍSTICA